

# A DEPENDÊNCIA QUÍMICA E SEU IMPACTO SOBRE A FAMÍLIA DO DEPENDENTE

Aline P. Nascimento<sup>1</sup>  
Danielle S. Moraes<sup>1</sup>  
Bruno Eduardo Silva Ferreira<sup>2</sup>

## RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar o impacto gerado pela dependência química aos familiares do dependente químico, verificando a importância do acompanhamento psicológico para prevenir os transtornos gerados por este impacto. Para desenvolvê-lo, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a dependência química e os impactos gerados pela mesma nos familiares do dependente químico, bem como uma pesquisa documental a partir de reportagens publicadas em portais de notícias que mostram o contexto abordado neste trabalho, como as famílias são afetadas pela dependência química, e quais estratégias elas encontram no enfrentamento a dependência do familiar. Entre essas estratégias foi verificado se as famílias dos entrevistados nas reportagens tiveram algum acompanhamento psicológico e se relataram diferença ou importância de ter esse apoio. É perceptível o fato de que as famílias entrevistadas não percebem sua necessidade de diversas formas de apoio, incluindo aí o apoio psicológico.

**PALAVRA-CHAVE:** Dependência Química. Estratégias. Cuidado com a família. Acompanhamento Psicológico.

## ABSTRACT

This work analyzes the impact of chemical dependence on families that have addicted members, verifying how importance is psychological monitoring to prevent the disorders of those impacts. To develop it, a literature review on chemical dependence and the impact on family members of drug addiction was conducted, as well as a documentary research from reports published on the news portals that show this subject, the families affected by chemical dependency, and which strategies they had find to minimize those impacts. Among these strategies was verified that some families of the interviewees in the reports had psychological follow-up and

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de psicologia das faculdades Doctum de Serra

<sup>2</sup> Professor orientador

reported difference or importance of having this support. It is remarkable that the interviewed families do not realize their need for various forms of support, including psychological support.

**KEYOWRD:** Chemical dependence. Strategies. Beware of the family. Psychological counseling.

## **INTRODUÇÃO**

Segundo Figlie e outros (2010, *apud* PACHECO, 2013), a dependência química é uma doença biopsicossocial que acarreta prejuízos em vários setores da vida do indivíduo, gerando problemas sociais, familiares, físicos, psicológicos e psiquiátricos. Vasconcelos e outros (2015) afirmam que atualmente, o abuso de drogas é considerado um problema de saúde pública, pois ocasiona danos de diferentes maneiras ao sujeito, à família e à sociedade. Neste trabalho serão enfatizados os problemas familiares, visto a importância de tratar o sofrimento dos que estão diretamente ligados ao dependente químico, pois são eles que sentem de perto o impacto causado pela dependência química e nem sempre tem um suporte adequado para lidar com esse sofrimento.

Propõe-se falar sobre esse tema pela necessidade de haver uma atenção voltada aos parentes do dependente, afinal a família é fonte de estrutura, apoio, motivação, proteção e prevenção à recaída, logo se deve ter um cuidado também com essas pessoas. Na medida em que a dependência química requer um tratamento contínuo mesmo após a recuperação do indivíduo, uma família preparada para receber e apoiar o dependente químico é essencial para se prevenir a reincidência ao uso.

Espera-se contribuir de maneira efetiva para gerar reflexões acerca da importância de se fortalecer o vínculo familiar das famílias de dependentes químicos, levantar questionamentos sobre a necessidade de se ter um olhar mais cuidadoso as pessoas mais próximas do dependente químico que sofrem tanto quanto eles, assim como intervenções terapêuticas possíveis para se alcançar este objetivo.

No âmbito social espera-se contribuir de forma geral a todos os envolvidos, pois se tratarmos de algo que está diretamente ligado a recuperação do dependente

químico toda sociedade é beneficiada, visto que a dependência afeta várias áreas da vida do indivíduo seja profissional, no relacionamento familiar, no convívio social ou na saúde.

## A DEPENDÊNCIA QUÍMICA

Desde o início da história da humanidade, são consumidas substâncias psicoativas, sendo considerada uma manifestação cultural e humana (CRIVES; DIMENSTEIN, 2003). Há que se distinguir, contudo, entre o uso moderado e controlado e o uso sem controle, caracterizando a dependência química.

Segundo Straub (2014, p. 215)

O uso de substâncias significa a simples ingestão de qualquer substância, independentemente da quantidade ou de seu efeito. O abuso de substâncias, contudo, é o uso de qualquer agente químico em um nível que atrapalhe o bem-estar do usuário em qualquer domínio da saúde: biológico, psicológico ou social.

Nem todas as pessoas que começam a usar uma substância tornam-se adictas. Especialistas da saúde atualmente definem o termo de adicção como

[...] um padrão comportamental caracterizado pelo envolvimento irresistível no uso de uma substância, uma preocupação com seu fornecimento e uma grande probabilidade de recaída se ela for interrompida, bem como o desenvolvimento de dependência física e psicológica da substância (STRAUB, 2014, p. 218).

Desta forma, pode-se caracterizar a dependência como um estado em que o corpo e a mente se ajustam ao uso constante de uma substância e assim passam a depender de sua presença para manter seu padrão de funcionamento, ou seja, livre dos sintomas de abstinência que ocorre sem o uso da substância (STRAUB, 2014).

De acordo com Figlie e outros (2010 apud PACHECO, 2013), dependência química é uma doença crônica, irreversível e recorrente, caracterizada pela perda de controle do consumo de qualquer substância psicoativa. O Quadro 1 apresenta a classificação das substâncias psicoativas:

Depressoras do SNC	Estimulantes do SNC	Perturbadoras do SNC
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Álcool</li> <li>• Benzodiazepínicos</li> <li>• Solventes</li> <li>• Opiáceos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cocaína</li> <li>• Crack</li> <li>• Anfetaminas</li> <li>• Tabaco</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maconha</li> <li>• LSD</li> <li>• Cogumelos/</li> <li>• Ayahuasca</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Anticolinérgicos encontrados em plantas como beladona</li> </ul>
--	--	---

**QUADRO 1: CLASSIFICAÇÃO DAS SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS**

**FONTE: PACHECO, 2013, P. 7**

Segundo Schnorrenberger (2003, p. 28), a dependência química resulta de um desejo incomensurável de fugir ou experimentar algo não alcançável sem elas. Neste estágio, a droga passa a ser imprescindível para o indivíduo, seja do ponto de vista físico ou psicológico. “Além da necessidade de buscar constantemente a droga, a dependência causa mudanças acentuadas na interação do indivíduo com seus familiares, afetando suas relações sociais e até mesmo profissionais” (PRATTA *et. al.*, 2009, p. 208). Somando-se a isso, “o uso de substâncias químicas ilícitas leva o usuário a prejuízos da vida funcional de trabalho, além de sujeitá-lo a penalidades na esfera criminal” (NIMTZ *et. al.*, 2016, p. 68).

Em relação às consequências da dependência química para o usuário, Pratta e outros (2010, p. 209) ainda complementam: “[...], entretanto, romper o ciclo de dependência é algo muito difícil e delicado, pois os indivíduos que se tornam dependentes vivenciam um sofrimento físico e psíquico intensos, tendo sua vida afetada, bem como suas famílias, amigos e a comunidade de uma forma geral”.

Em relação às modalidades de tratamento adotadas nestes casos, as mais comumente utilizadas são as internações em comunidades terapêuticas (CT) ou clínicas de desintoxicação, os atendimentos nos centros de atenção psicossocial para álcool e outras drogas (CAPS ad) e a participação de grupos de apoio, também chamados de grupos de auto-ajuda (PAZ; COLOSSI, 2013, p. 551-552).

Conforme Silva (2001 apud PAZ; COLOSSI, 2013, p. 552) nos últimos anos, a adicção e suas consequências na vida do indivíduo e sua família têm sido consideradas um problema de saúde pública, sendo um fenômeno de grande relevância social e acadêmica, já que seu tratamento implica na articulação de múltiplas abordagens terapêuticas.

## FAMÍLIA E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DEPENDENTE QUÍMICO

Antes de discutir a importância da família no tratamento do dependente químico, é fundamental definir o que é família. “Dentre as diversas disciplinas que estudam o tema, a Psicologia entende a família como um conjunto de relações caracterizadas por influência recíproca, direta, intensa e duradoura entre seus membros” (DE

ANTONI, 2005). Costa, Penso e Conceição (2014) indicam a família como o primeiro grupo de pertencimento da pessoa, que traz segurança, proteção, bem-estar e conforto para o indivíduo. Além disso, a família possibilita um contexto seguro para o manejo da ansiedade e emoções diversas, constituindo-se em contexto de aprendizagem, de experimentação de regras e testes com limites.

“A família é, portanto, um sistema que engloba sistemas menores (por exemplo, casais, os filhos), mas se encontra dentro de outros sistemas maiores (por exemplo, a comunidade, a sociedade)” (COSTA, PENSO, CONCEIÇÃO, 2014, p. 50).

Com base nessas definições, pode-se compreender o papel da família, desde os aprendizados mais básicos à formação de identidade do indivíduo. Osorio (1996) afirma que é na família que as pessoas se constituem como tais, já que ela é o primeiro laboratório de relações humanas que o sujeito conhece.

Sobre a importância da família no tratamento do dependente químico, Pereira (2018, p.1) aponta:

Na descoberta da droga do usuário, a família passa por um processo de negação com o dependente, não evitando e criticando, isso até começarem com o tratamento no CAPS-AD onde a família também participa das reuniões familiares na instituição. Com o tratamento, começam a surgir mudanças demonstrando melhorias tanto no tratamento da família com o usuário, quanto mudanças de comportamento do usuário com os familiares, [...] relataram ter dificuldades em lidar com familiar usuário em casa, não apresentaram ter características co-dependente com o usuário, e relataram unanimemente sobre a importância que a família tem para a melhoria no tratamento da dependência química do familiar usuário.

Percebe-se a importância que o apoio da família teve no tratamento dos dependentes químicos do CAPS-ad de Tubarão/SC, e a influência que isso teve de modo que gerou mudança não só no comportamento dos dependentes, mas também dos familiares, e a própria família reconheceu a importância deles no decorrer do tratamento para a melhora do usuário.

Paz e Colossi (2013, p. 551) destacam o envolvimento da família no tratamento como preditor de sucesso terapêutico da dependência química. O resultado do estudo apontou a necessidade de compreensão da dependência química como fenômeno que pode ser influenciado pela dinâmica familiar reforçando aspectos de seu funcionamento para a manutenção do sintoma, logo tratar a disfuncionalidade familiar pode constituir-se um fator de proteção ao uso de drogas e prevenção à recaída.

Desta forma, quanto maior e saudável for o vínculo do dependente químico (DQ)

com a família, maiores serão as chances de o tratamento ter uma evolução positiva e conseqüentemente, caminhar para a manutenção da abstinência do dependente (PACHECO, 2013, p. 10).

Segundo Schenker et al (2004 apud SOUZA et al, 2006, p. 2):

A importância da participação da família no tratamento do dependente de drogas é um paradigma estabelecido e citado por vários estudiosos quando reforçam que, nos últimos anos, têm compartilhado de um pensamento ecológico no qual reconhecem que todos estão interligados e interconectados e, por conseguinte, a mudança em um indivíduo provoca reverberação em todo o sistema.

Resta clara, portanto, a importância do envolvimento da família no tratamento do dependente químico, e que a mesma tem um papel a desempenhar no percurso do dependente pela busca da superação do vício, papel este composto por apoio, motivação e auxílio na prevenção de recaídas. Contudo, cabe destacar o fato de que a família funciona como um sistema, de modo que a dependência química de um dos familiares causa impactos em todos os demais membros do sistema.

## O IMPACTO GERADO PELA DEPENDÊNCIA QUÍMICA AOS FAMILIARES DO DEPENDENTE

Horta e outros (2016) trazem relatos de algumas famílias sobre o que enfrentam no seu dia a dia tendo um dependente químico na composição familiar. Na pesquisa em questão os familiares “mostraram dificuldade de lidar com desaparecimentos esporádicos, apontaram sentimentos de dó, impotência, desgosto, ódio, vergonha, medo da agressividade e humilhação” (HORTA *et. al.*, 2016, p. 1024).

Ainda segundo os autores, “os impactos que a dependência de drogas gera na vida dos familiares podem originar a quebra da rotina, além de sentimentos de vulnerabilidade, desamparo e frustração, quanto a conviver com a doença e tratamento” (HORTA *et. al.*, 2016, p. 1025). O sentimento de desesperança também esteve presente no relato dos familiares, mostrando a dificuldade dos mesmos em lidar com esse tema. Gigliotti e Guimarães (*apud* GARCIA, 2018, p.6) reforçam este entendimento:

Portanto uma mudança vivida por membro da família trará mudanças para

todo sistema. A família não é simplesmente um conjunto de indivíduos aparentados, mas um todo interdependente em que as condições de saúde e doença circulam pelo sistema por meio de suas interações, só podendo ser compreendidas em seu contexto relacional.

É possível observar que os impactos causados pela dependência na família são grandes: estas pessoas acabam mudando toda sua rotina, perdem noites de sono, tranqüilidade, e acabam vivendo em função do dependente, e muitas vezes aparentam não perceber isso (HORTA *et. al.*, 2016). Em alguns casos é necessário se afastar do emprego para cuidar do dependente, e existe ainda a questão do preconceito que essas pessoas sofrem, ou seja, há uma necessidade enorme de voltar o olhar para essas pessoas.

José Filho (2007 *apud* GOULART; SOARES, 2013, p.4) diz que:

A família como locus privilegiado de intervenção do Serviço Social tem aparecido nos últimos anos como preocupação de órgãos internacionais e governamentais de âmbito nacional, estadual e municipal. Isso se dá a partir da Constituição Federal de 1988, que dedicou um capítulo específico – artigo 226 – e fixou “a família tem especial atenção do Estado inovando consideravelmente os tratos político e social de família”.

Nesse sentido, entende-se que a família representa uma base muito importante que deve ser preservada. É questão urgente que os profissionais que atuam com essas famílias busquem entendê-las em sua totalidade, perceber que o indivíduo ali presente também está em sofrimento emocional e psíquico, pois além de dar assistência ao dependente, também sustentam a si mesmos, carregando consigo um enorme sofrimento físico e psicológico.

Reforçando a análise do impacto da dependência química sobre os familiares, Pacheco (2013, p.11) diz que: “os familiares adoecem junto com o DQ e, na maioria das vezes, o estado emocional desse familiar interfere negativamente no tratamento, fazendo com que o DQ tenha poucos recursos para se manter abstinente”. Zerbetto, Galera e Ruiz (2017, p.1251) afirmam que “a família é reconhecida como fator e cenário de risco diante da complexidade das drogas, o que requer do profissional de saúde um olhar direcionado para corrigir as limitações da família e seus déficits”. Considerando o risco de sofrimento (e mesmo de adoecimento) psíquico, cabe pensar em estratégias de prevenção e proteção à saúde mental destas pessoas.

ESTRATÉGIAS DE AUXÍLIO FAMÍLIA NO ENFRENTAMENTO DA DEPENDENCIA

Herzog e Wendling (2013) trazem a visão de alguns psicólogos sobre o tema que citam algumas estratégias que auxiliam nesse sentido. Um dos psicólogos afirma: "a questão, assim, de eles começarem a entender a própria dependência química, né, entender os motivos que levam o familiar a usar drogas pra depois eles conseguirem ser o suporte desse familiar pra evitar a recaída, né..." (PSICÓLOGO 4). Neste relato podemos observar que entender o mínimo que seja sobre a dependência química é um passo fundamental para o familiar saber o que está enfrentando para ser possível então entender outras estratégias como, por exemplo, a prevenção de recaídas.

É consenso entre os psicólogos entrevistados que o esclarecimento permite a apropriação do tratamento por parte dos familiares, o que, segundo o Psicólogo 3, pode levá-los a também buscar ajuda terapêutica (HERZOG; WENDLING, 2013, p. 28). No relato do Psicólogo 3 é possível perceber a importância do acompanhamento psicológico como ferramenta no enfrentamento à dependência química onde a busca pelo mesmo vai se dar a partir do conhecimento dessa necessidade que vai acontecer a partir do momento que o familiar buscar ajuda.

Outra estratégia nesse sentido é a participação da família no tratamento do dependente químico. A pesquisa citada acima, por exemplo, atesta isso onde os psicólogos participantes apontam que as principais influências positivas dessa participação dizem respeito à formação de uma parceria entre os familiares e o programa de recuperação (HERZOG, WENDLING, 2013, p.27).

Segundo os participantes da pesquisa, quando bem orientados os familiares conseguem restabelecer o vínculo com o dependente e colaborar mais efetivamente com o tratamento. Assim, deve-se focar mais a família, para que esta se aproprie do tema e que possa buscar ajuda, tornando o tratamento mais eficaz (HERZOG, WENDLING, 2013, p. 23).

Embora a demanda envolvendo a dependência química e a co-dependência entre familiares e pessoas diretamente envolvidas com o dependente químico venha crescendo ao longo das últimas décadas (WENZEL; PAULA, 2010 apud PEREIRA; SOBRAL 2014), observa-se na prática que no que tange a questão da dependência química os serviços para a família ainda são insipientes (PEREIRA; SOBRAL, 2012,

p. 3).

## ACOMPANHAMENTO PSICOLÓGICO PARA FAMILIARES DO DEPENDENTE

A família é uma base muito importante, responsável por contribuir para a formação de identidade do indivíduo, oferecer apoio e atenção, e isso para o tratamento de dependentes químicos é uma ferramenta muito importante, pois contribui diretamente no processo de inibição da dependência química. Somente o fato da possibilidade de melhoras a partir desse apoio já mostra que é de extrema relevância oferecer diversas formas de apoio a essas famílias.

Os tipos de comportamento toxicomaniaco têm uma incidência sobre aqueles que rodeiam a pessoa em causa e, sobretudo, a família que se torna co-dependente. Portanto, a participação da família no processo de recuperação da dependência química é fundamental e contribui de forma significativa em todo o processo de tratamento e consequente a melhora do quadro. As pesquisas evidenciam que durante os momentos do convívio terapêutico com o paciente que se sinta valorizado e confiante de sua recuperação, especificadamente quando sente a efetividade da participação familiar (MATOS, 2015, p. 02).

Pode-se notar que a família contribui diretamente no tratamento, trazendo melhorias ao dependente no seu quadro, favorecendo o retorno da confiança em sua recuperação. Voltando o olhar para a família, é possível apontar que pouco tem sido feito no sentido de apoiá-la, podendo ser uma questão de política social, sendo o estado responsável por oferecer a essas pessoas uma estrutura que as atenda. Neste sentido, Kaloustian (2000, p. 78 apud SCHNORRENBARGER 2003, p.25) coloca que:

Um eixo básico que não deixa dúvidas, nem às instituições e tampouco aos que pretendem abordar as famílias, de que o papel do Estado deveria ser não substituto, mas um grande aliado e fortalecedor deste grupo, proporcionando apoio ao desempenho de suas responsabilidades e missão.

Porém a realidade é outra, não se tem uma estrutura adequada, como casas de apoio, acompanhamento em grupo ou individual, profissionais qualificados para essa demanda e até mesmo uma junção com os programas já existentes. A política nacional sobre drogas propõe diretrizes, indicadas a seguir:

Promover e garantir a articulação e integração em rede nacional das intervenções para tratamento, recuperação, redução de danos, reinserção social e ocupacional (Unidade Básica de Saúde, ambulatórios, Centro de Atenção Psicossocial, Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, comunidades terapêuticas, grupos de auto-ajuda e ajuda mútua, hospitais

gerais e psiquiátricos, hospital-dia, serviços de emergências [...] (Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2005).

As famílias possuem direitos garantidos pelo estado como recursos técnicos e financeiros, porém muitos não se apropriam desse direito. E sua participação é fundamental para a recuperação do seu familiar, logo é de extrema importância que tenham um tratamento físico e psicológico, e que recebam o apoio necessário. Neste sentido Lopes (1996, p. 78) afirma que a família:

Tem um papel de destaque no processo de recuperação do dependente, buscando impedir que o problema avance e auxiliando no tratamento mais adequado para a situação. Em alguns casos, isto se torna particularmente difícil pela fragilidade com que todos os seus membros cheguem a este ponto.

Frisando o papel da família na drogadição, estudiosos como Brasil (2004); Karina (1999); Carter e McGoldrick (2001); Silva (2001); Stanton e Todd (1985); têm salientado que dificilmente é possível sustentar a melhora de um paciente sem que atuemos em seu meio familiar [...] (apud ORTH; MOREÉ 2008).

Segundo Pereira e Sobral (2012, p. 3) “considerando a importância da família na vida do dependente químico e ainda, das interações que se estabelecem entre família e doente, faz-se necessário que o tratamento dispensado a este seja extensivo aos familiares”. A literatura aponta que, no processo de adoecimento do dependente químico, um dos fatores (mas não o único) que o motiva ao uso de drogas e às possíveis recaídas tem relação com a incapacidade da família em lidar com o comportamento de seu familiar dependente, necessitando também ela de acolhimento e acompanhamento (ORTH; MOREB 2008 *apud* VASCONCELOS et al., 2015). Contudo, considerando o fato de que a sociedade em geral se informa a partir de reportagens e da mídia em geral, cabe investigar como a mídia vem trabalhando a questão da dependência química, bem como o papel da família e eventuais apoios oferecidos a ela.

## **MÉTODO**

Para desenvolver esse trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica para o embasamento teórico, seguido de uma pesquisa documental. Vale ressaltar que a diferença entre os dois tipos de pesquisa está essencialmente na natureza das fontes. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado,

constituído principalmente de livros e artigos científicos, e utiliza fundamentalmente contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto. Já a pesquisa documental, embora se assemelhe muito à pesquisa bibliográfica, vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico (GIL, 2002).

Nem sempre fica clara a distinção entre a pesquisa bibliográfica e a documental, já que, a rigor, as fontes bibliográficas nada mais são do que documentos impressos para determinado público (GIL, 2002, p. 46). Além do mais, boa parte das fontes usualmente consultadas nas pesquisas documentais, tais como jornais, boletins e folhetos, pode ser tratada como fontes bibliográficas (GIL, 2002).

Para a pesquisa documental buscou-se reportagens em portais de notícias que mostram o contexto abordado neste trabalho, como as famílias são afetadas pela dependência química, e quais estratégias elas encontram no enfrentamento a dependência química do familiar. Entre essas estratégias verificou-se se as famílias dos entrevistados nas reportagens tiveram algum acompanhamento psicológico e se relataram a diferença ou importância de se ter esse apoio.

Toda pesquisa documental foi feita via internet, ou seja, em jornais online, visto a maior acessibilidade que teríamos as reportagens, do que em jornais impressos por exemplo. Os termos utilizados para as buscas são os mesmos abordados no decorrer deste trabalho entre eles Dependência química e família e Apoio para famílias de dependentes químicos. A partir dos termos de busca encontramos reportagens que falam sobre pesquisas que mostram a dimensão de famílias que tem um parente dependente químico e como drogas desestruturam família de dependentes, outras abordam que a dependência é problema que afeta toda família e sobre os reflexos da dependência química na família. Foram encontradas também reportagens que falam sobre apoio para familiares de dependentes químicos em projetos, programas da prefeitura e orientações de Psicólogos, e ainda no geral algumas reportagens abordam sobre o papel de apoio da família ao dependente químico. Os portais de notícias utilizados foram dos jornais G1, Acrítica, Diário da Manhã e R7 Notícias, e as reportagens foram publicadas entre 2013 e 2018.

Após a coleta das reportagens, investigaram-se como essas famílias são afetadas pela dependência química, suas rotinas, como convivem nesse cenário, o sofrimento

enfrentado na luta pela recuperação do parente dependente, os possíveis transtornos gerados e o que relatam em relação à importância de se ter um acompanhamento psicológico neste momento. A partir do material encontrado foi feita uma comparação das pesquisas e relatos das reportagens com o que a teoria diz, no sentido de averiguar se os dados apresentados confirmam ou refutam a idéia da importância do apoio psicológico neste contexto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise das reportagens permitiu verificar como as famílias são afetadas pelo fato de ter um familiar dependente químico, o papel que essa família desempenha no apoio ao parente dependente e quais estratégias encontram para oferecer esse apoio. Também foi possível verificar o cuidado disponível para essa família preservar sua própria saúde e assim ter condições de dar apoio ao dependente químico.

Uma reportagem publicada no G1 (CARVALHO, 2013a. Acesso em 15 out. 2019) demonstra que cerca de 28 milhões de pessoas têm algum parente dependente químico, de acordo com o Levantamento Nacional de Famílias dos Dependentes Químicos (Lenad Família), feito pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). "Para cada dependente químico existem outras quatro pessoas afetadas", disse Laranjeira, um dos coordenadores do estudo (apud CARVALHO 2013).

A análise foi feita entre junho de 2012 e julho de 2013a com 3.142 famílias de dependentes químicos em tratamento. Foi feito um questionamento com 115 perguntas para as famílias que participaram desse levantamento. O estudo foi feito em comunidades terapêuticas, clínicas de reabilitação, grupos de mútua ajuda como o Al-Anon e a Pastoral da Sobriedade. Ainda segundo o estudo, 61,6% das famílias possuem outros familiares usuários de drogas. Desse total, 57,6% têm dependentes dentro do núcleo familiar (CARVALHO 2013a).

Entrando no contexto de como essas famílias são afetadas pela dependência química, outra reportagem sobre o tema (CARVALHO, 2013b) conta a história de um casal que teve a relação afetada pela dependência do esposo, alcoolista por 24 anos. A esposa relata que após uma década de frustrações e renúncias, busca ajuda para minimizar seu sofrimento no Al-Anon (grupo de ajuda a familiares e

amigos de alcoólicos), e declara: “tinha vezes que não deixava de sair, mas a cabeça ficava em casa” (FARIZEU apud CARVALHO 2013b).

Essa história se repete em milhares de outros lares, que sofrem por ter algum parente usuário de drogas, de acordo com o Levantamento Nacional de Famílias dos Dependentes Químicos (Lenad Família), feito pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e divulgado na mesma reportagem. Segundo o estudo, o dependente químico afeta as atividades diárias e o equilíbrio psicológico dos familiares: 58% das famílias com algum usuário de drogas têm afetada a habilidade de trabalhar ou estudar, 29% das pessoas estão pessimistas quanto ao seu futuro imediato e 33% têm medo que seu parente beba ou se drogue até morrer, ou alegam já ter sofrido ameaças do familiar viciado (CARVALHO 2013b).

Outro relato (ALVES, 2017) publicado no portal de notícias Acrítica diz: “descobrir que alguém da própria família se tornou dependente de drogas a fez perceber que não é só o usuário que precisa lutar contra esse problema, mas também todas as pessoas que estão ao redor dele, começando pela família”. O jornal ainda pontua que segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), um único usuário de drogas pode afetar, diretamente, pelo menos nove pessoas ao seu redor.

A matéria aborda ainda uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e outras Drogas (Inpad), que revela que a droga é considerada uma “praga” ou “teia”, que traz problemas não só ao paciente, mas também a todas as pessoas emotivamente ligadas a ele, principalmente a família. A mãe, na maioria das vezes, é quem mais sofre quando descobre a dependência química do filho. Esse foi o caso de Paula: “Foi o início de uma luta. Nós percebemos que o nosso filho precisava de ajuda. Eu não imaginava isso acontecendo na minha família. Tive que sair de um emprego para poder ajudar o meu filho”, contou (ALVES, 2017).

Relacionado ao que Paula relatou Horta e outros (2016, p. 1025) afirmam que além de sentimentos de vulnerabilidade, desamparo e frustração, quanto a conviver com a doença e tratamento, os impactos da dependência química podem causar a quebra da rotina dos familiares, e no caso dela a necessidade de sair do emprego atestou isso.

Outra reportagem, publicada pelo Diário da Manhã (PRESTES; MORAES, 2018), traz o relato da irmã de Maira Silva, que teve sua história de vida impactada pela dependência química. Apesar da difícil luta de Maira em aceitar seu vício e procurar

a cura, a família também foi atingida com suas escolhas, trazendo dor, tristeza e o maior desafio: ajudá-la a buscar uma solução ao problema.

A psicóloga e professora Susana König Luz, que participou da reportagem, possui mais de dez anos de experiência em atendimento às famílias com histórico de uso de entorpecentes. Ela explica que a família não pode ser uma “inimiga” do usuário, mesmo que a notícia seja indesejada para qualquer pessoa. O momento é de dialogar para não colocar em xeque a relação de confiança.

A partir do momento da informação de que o familiar experimentou ou que está fazendo o uso de drogas, a atitude mais importante é a conversa franca e transparente. É preciso ser claro para o usuário de que a família sabe da realidade, para saber o posicionamento da família sobre o assunto e quais medidas serão tomadas. O apoio familiar é imprescindível. Devemos considerar a família como aliada (LUZ, *apud* PRESTES; MORAES, 2018, s.p.).

Segundo Figliee outros (*apud* PACHECO, 2013), a dependência química é uma doença biopsicossocial que acarreta prejuízos em vários setores da vida do indivíduo, gerando problemas sociais, familiares, físicos, psicológicos e psiquiátricos. Através dos relatos das reportagens é possível perceber que de fato o que os autores mencionam ocorre na vida dos familiares do dependente químico: os entrevistados relatam terem a vida afetada na área profissional, social, e em sua saúde psicológica e emocional.

A família apresentada nesta reportagem (PRESTES; MORAES, 2018) foi afetada pela dependência química da familiar, mas também teve seu papel de apoio ao ajudá-la na busca do tratamento quando Maira reconheceu que precisava de ajuda e se recuperou após passar um ano em tratamento em uma clínica, encaminhada pela família com o apoio da mesma durante todo o tratamento. Paz e Colossi (2013) reforçam esse papel dizendo que o envolvimento da família no tratamento tem sido apontado como preditor de sucesso terapêutico da dependência química.

Contudo, se o papel da família é central no sucesso do tratamento da dependência química, é preciso pensar no apoio a esta família em diversos aspectos, incluindo-se o apoio psicológico. A este respeito, a psicóloga Cristiana Renner relata que “queria fazer um trabalho para prevenir o uso de drogas entre os adolescentes e descobriu que os pais daqueles que já são usuários é que precisavam de ajuda” (ARIEDE, 2013, s.p.). O trabalho feito com 140 famílias de adolescentes que usam drogas

mostrou que o primeiro passo é fazer com que os pais deixem de lado sentimentos de culpa:

Os pais, tentando compensar essa culpa inadequada, facilitavam dando presente para os filhos, pedindo pros filhos pararem de usar droga. Resumindo, eles estavam resolver de uma maneira doméstica, sem orientação profissional e sem dor um problema gravíssimo (ARIEDE, 2013 s.p.).

Paz e Colossi (2013, p. 551), a respeito desse cenário, “apontam a necessidade de compreensão da dependência química como fenômeno que pode ser influenciado pela dinâmica familiar reforçando aspectos de seu funcionamento para a manutenção do sintoma”.

A pesquisa mostra que depois do primeiro encontro os pais já notaram uma diminuição dos conflitos dentro de casa. Era o primeiro passo para começar a reestruturar essas famílias. Os passos seguintes remetem aos comportamentos dos pais, que são determinantes na recuperação dos filhos. Esses pais precisam de ajuda inclusive quando os filhos já estão se libertando das drogas: “Muitas vezes a família fica preocupada e assustada quando o jovem acorda mal humorado. E aí, vem, ‘você usou drogas, você está mal humorado, você vai usar’. Essas conversas repetitivas desgastam mais ainda”, explica Renner (*apud* ARIEDE, 2013, s.p.).

Agora entende-se de forma mais clara o que Paz e Colossi dizem a respeito de tratar a disfuncionalidade familiar podendo constituir-se um fator de proteção ao uso de drogas e prevenção à recaída, pois um comportamento dos pais, uma palavra ou uma desconfiança no momento errado podem levar ao fracasso da recuperação.

Ainda sobre o apoio e acompanhamento psicológico para o familiar do dependente químico, outra reportagem discute mães de dependentes químicos que buscam apoio em programa de prefeitura (GUIMARÃES, 2017):

É uma iniciativa que faltava no âmbito das políticas públicas municipais para o enfrentamento da dependência química. Não existe um limite de vagas disponíveis, o programa acolhe, direciona e orienta de acordo com a demanda. Aqui recebemos as mães, ou os familiares, e encaminhamos para o que for necessário, pode ser para o atendimento em um CAPS-AD (Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas), para um atendimento médico que vai orientar uma eventual internação, pode ser um suporte para a mãe conseguir dar conta de suportar a dificuldade que é ter um filho dependente químico (ARRUDA, *apud* GUIMARÃES, 2017).

O programa Mães da Luz existe desde o final de junho e já auxiliou diversas mães que necessitavam de apoio, seja psicológico ou mesmo prático, como internações para os dependentes químicos da família. O coordenador de políticas sobre drogas da secretaria de Direitos Humanos, Miguel Tortorelli, explica a dinâmica do Mães da

Luz. "A família precisa estar fortalecida para conseguir ajudar no tratamento do ente querido que está enfrentando o problema. Por conta da doença, o usuário se torna um manipulador e um núcleo familiar fraco acaba sucumbindo. O Mães da Luz faz esse fortalecimento", disse (GUIMARÃES, 2017). Pacheco (2013) reforça isso dizendo que quanto maior e saudável for o vínculo do dependente químico com a família, maiores serão as chances de o tratamento ter uma evolução positiva e conseqüentemente, caminhar para a manutenção da abstinência do dependente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O uso de substâncias psicoativas é encontrado em todas as épocas e culturas, mas tal fato não significa que seu uso indiscriminado não deva ser objeto de atenção. O uso abusivo destas substâncias pode causar dependência, e essa dependência, por sua vez, pode trazer diversos transtornos à pessoa e às pessoas de seu entorno, notadamente seus familiares.

Os dados apontados pelas reportagens comprovam que quem convive com o dependente químico é afetado, então é importante saber de que forma eles são afetados e o que pode ser feito para amenizar o impacto da dependência química na vida dessas pessoas. Com apoio adequado, estes familiares desenvolvem condições para lidar com o próprio sofrimento mantendo preservada sua saúde psicológica e dar o apoio necessário para a recuperação do dependente químico, pois apesar dos sentimentos de decepção, tristeza ou raiva mencionados nas reportagens, a família ainda busca pela recuperação do dependente.

Com base nos dados do último LENAD, 28 milhões tem algum parente dependente químico e além de sofrerem com isso e terem sua rotina modificada, têm um papel importante no tratamento e pós-tratamento do dependente químico, como foi possível verificar a partir da visão dos autores mencionados neste trabalho e a partir dos relatos dos entrevistados das reportagens.

Levantada essa questão observa-se agora que as famílias precisam de apoio para lidar com este problema. Sobre as estratégias que essas famílias encontram no enfrentamento à dependência do familiar, foram citados nas reportagens programas de prefeitura onde a família é acolhida e direcionada, por exemplo, para o CAPS ad ou para atendimento médico de acordo com a necessidade, ao passo que outro

relato discute especificamente a orientação de psicólogos aos familiares. Sobre essa importância Herzog e Wendling (2013, p. 23) afirmam que quando bem orientados os familiares conseguem restabelecer o vínculo com o dependente e colaborar mais efetivamente com o tratamento. Assim, devem-se focar mais a família, para que esta se aproprie do tema e que possa buscar ajuda, tornando o tratamento mais eficaz.

Sobre a importância do acompanhamento psicológico, apenas na primeira reportagem citada à entrevistada relata que busca apoio para melhorar seu psicológico em um grupo de ajuda a famílias e amigos de alcoólicos. A reportagem das famílias que recebem orientação dos psicólogos mostra a importância de se ter um apoio desses profissionais. E na reportagem sobre o programa da prefeitura a aposentada entrevistada diz que conseguiu a ajuda psicológica para seguir em frente.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise de como as famílias são afetadas pela dependência química de seus familiares, e a importância de estratégias e apoio para auxiliá-los na busca da superação do vício e ainda manter sua saúde psicológica. Verificou-se que realmente há a necessidade de ter um cuidado maior com a família. Foi verificado ainda que há poucos artigos falando sobre o acompanhamento psicológico nesse contexto, e que as famílias quase não relataram buscar ou ter esse acompanhamento, o que seria uma sugestão para futuras pesquisas sobre o assunto. Fica uma observação em relação às reportagens pois, é pouco o número de reportagens falando sobre o assunto o que mostra uma necessidade de uma maior cobertura da mídia sobre esse tema que é tão importante, tendo vista ser a mídia uma ferramenta de grande alcance para divulgação de informações. Diante disso essa pesquisa é relevante para gerar reflexões acerca da importância de se fortalecer o vínculo familiar das famílias de dependentes químicos, assim como para mostrar a necessidade de uma cobertura maior do tema, contribuindo de forma geral, pois se tratando de algo que está diretamente ligado a recuperação do dependente químico toda sociedade é beneficiada.

## REFERÊNCIAS

ALVES, D. **Dependência química é problema que afeta toda família, diz pesquisa da OMS.** 2017. Disponível em:

<<https://www.acritica.com/channels/manaus/news/dependencia-quimica-e-problema-que-afeta-toda-familia-diz-pesquisa-da-oms>>. Acesso em: 16 Out. 2019.

ARIEDE, N. **Familiares de dependentes químicos recebem orientação de psicólogos.** 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/02/familiares-de-dependentes-quimicos-recebem-orientacao-de-psicologos.html>>. Acesso em: 16 Out. 2019.

CARVALHO, E. **Segundo pesquisa, 28 milhões tem algum parente dependente químico.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/12/28-milhoes-tem-algum-familiar-dependente-quimico-diz-pesquisa.html>>. 2013a. Acesso em: 16 Out. 2019.

CARVALHO, E. **Pesquisa mostra como drogas desestruturam família de dependentes.** 2013b. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/12/pesquisa-mostra-como-drogas-desestruturam-familia-de-dependentes.html>>. Acesso em: 16 Out. 2019.

COSTA, L.F.; PENSO, M.A.; CONCEIÇÃO, M.I.G. **Abordagem à Família no Contexto do Conselho Tutelar.** São Paulo: Ágora, 2014.

CRIVES, M.N.S.; DIMENSTEIN, M. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um Programa Público. **Saúde e Sociedade** v.12, n.2, p.26-37, jul-dez 2003.

DE ANTONI, C. **Coesão e hierarquia em famílias com história de abuso físico.** 2005. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pós-Graduação em Psicologia de Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GARCIA, I.P. **A dependência química no contexto familiar:** Uma análise do relato de três mães. Ulbra:Psicologia PT, 2018. Disponível em: [https://www.psicologia.pt/artigos/ver\\_artigo.php?a-dependencia-quimica-no-contexto-familiar-uma-analise-do-relato-de-tres-maes&codigo=A1198&area=D12A](https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?a-dependencia-quimica-no-contexto-familiar-uma-analise-do-relato-de-tres-maes&codigo=A1198&area=D12A). Acesso em: 8 de Nov., 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOULART, D.; SOARES, A. **Famílias e dependência de drogas: Interface com as políticas públicas.** III **Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais**, 2013. Disponível em: <<http://www.cress-mg.org.br>>. Acesso em: 31 Maio 2019.

GUIMARÃES, J. **Mães de dependentes químicos buscam apoio em programa da Prefeitura.** 2017. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/maes-de-dependentes-quimicos-buscam-apoio-em-programa-da-prefeitura-24072017>>. Acesso em: 16 Out., 2019.

HERZOG, A.; WENDLING, M. Percepções de psicólogos sobre os familiares durante o tratamento de dependentes químicos. **Aletheia** 42, p.23-38, 2013.

HORTA, A. et al. Vivências e estratégias de enfrentamento de familiares de dependentes. **Revista Brasileira de Enfermagem REBEn.** 2016, v. 69, n. 6, p. 1024-1030.

LEITE M. C. **Aspectos básicos do tratamento da síndrome de dependência de substâncias psicoativas**. Brasília: Presidência da República, Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria Nacional Antidrogas, 1999.

LOPES, C. **Cara a cara com as drogas**. Porto Alegre: Sulina, 1996.

MACIEL, L.D. et al. **Consequências e dificuldades da dependência química no âmbito familiar: uma revisão de literatura**. 2013, v. 16, n. 2, p. 187-196. Disponível em: <file:///C:/Users/admin/Downloads/15155-Texto%20do%20artigo-64520-1-10-20130902.pdf>. Acesso em: 19 de Novembro de 2019.

MATOS, S. **Participação da família no processo de tratamento do dependente químico**, p. 02, 2015.

**Ministério da Justiça e Segurança Pública**. Governo Federal, BRASIL, 2005.

NIMTZ, M. A. et al. **Impactos legais e no trabalho na vida do dependente químico**. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog, Ribeirão Preto, v. 12, n. 2, p. 68-74, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 08 Nov. 2019.

ORTH, A.P.S.; MOREÍ, C.L.O. Funcionamento de famílias com membros dependentes de substâncias psicoativas. **Psicologia Argumento**, 2008, v. 26, n. 55, pg. 293-303. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br>. Acesso em 10 de Novembro de 2019.

OSORIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

PACHECO, S. **Intervenções Terapêuticas Utilizadas em Familiares de Dependentes Químicos e a Eficácia da Terapia Cognitivo-Comportamental Utilizada Nesse Contexto**. Curso de Especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental, 2013.

PAZ, Fernanda; COLOSSI, Patricia. Aspectos da dinâmica da família com dependência química. **Estudos de Psicologia**, 2013, v. 18, n. 4, p. 551-558. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 9 de Abril de 2019.

PEREIRA, Bruna. **O papel da Família no Tratamento da Dependência Química de Usuários Atendidos no CAPS AD de Tubarão/SC**. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, 2018.

PEREIRA, Paulo; SOBRAL, Carlos. A co-dependência dos familiares do dependente químico: revisão da literatura. **Revista Fafibe On-Line**, 2012, n. 5. Disponível em: <http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/21/21112012211234.pdf>. Acesso em: 9 de Abr., 2019.

PRATTA, E. M. M. et al. O processo saúde-doença e a dependência química: interfaces e evoluções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, 2009, v. 25, n. 2, p. 203-211.

PRESTES, A.; MORAES, M. **Os reflexos da dependência química na família.** 2018. Disponível em: <<https://diariodamanha.com/noticias/os-reflexos-da-dependencia-quimica-na-familia/>>. Acesso em: 16 Out. 2019.

SCHNORRENBARGER, Andréa. **A família e a dependência química: uma análise do contexto familiar.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

SOUZA, J; KANTORSKI, L.P.; MIELKI, F.B. Vínculos e redes sociais de indivíduos dependentes de substâncias psicoativas sob tratamento em CAPS AD. SMAD, **Revista Eletrônica em Saúde Mental, Álcool e Drogas**, 2006, v. 2, n. 1. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto São Paulo, Brasil.

STRAUB, Richard. **Psicologia da Saúde: uma abordagem biopsicossocial.** 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

VASCONCELOS, A. C. M. et al. Relações familiares e dependência química: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, 2015, v. 19, n. 4, p. 321-326.

ZERBETTO, S.R.; GALERA, S.A.F.; RUIZ, B.O. Resiliência familiar e dependência química: percepção de profissionais de saúde mental. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2017, v. 70, n. 6, p. 1250-1256.